

## **Partes de mim que me assustam - Reflexões pessoais sobre como superar a supremacia masculina**

**Por Chris Crass**

### **Parte 1: Como posso ser machista? Se sou anarquista!**

“Como que sou machista!”. Fiquei gelado. Eu sempre me comportei de forma normal com as mulheres, e nunca fui um machinho prepotente clássico ou misógino. “Mas como posso ser machista se sou anarquista?”. Não pude evitar a ficar na defensiva, nervoso. Eu acreditava na luta por uma sociedade melhor, eu era parte dos oprimidos. Os opressores eram os capitalistas, não? Eram eles que se beneficiavam da injustiça. Quando aconteceu isso, em 1993, eu tinha 19 anos e há mais de quatro militava.

Nilou, acariciando minha mão, tentou me explicar com paciência: “Não estou dizendo que você seja malvado, só estou te dizendo que você tem atitudes sexistas. Olha, há atitudes que são muito claramente machistas, mas às vezes o machismo não é tão óbvio, é mais sutil, acontece em pequenos detalhes. Muitas vezes você me corta quando estou falando, e sempre presta mais atenção quando um homem fala do que quando uma mulher está falando. Outro dia, quando estávamos tomando um café com Mike, vocês se comportavam como se eu fosse invisível, como se só estivesse ali para contemplar vocês. Algumas vezes que tentei participar da conversa vocês não me deram bola, continuaram como se nada tivesse acontecido. Quando se reúnem alguns homens, vocês só prestam atenção entre vocês, se tiver uma mulher presente vocês não dão atenção. O grupo de estudos se transformou em um fórum para que os homens encham o saco sobre este livro e aquele outro, como se soubessem tudo e estivessem ensinando a todxs as outrxs, e todxs temos que ficar só olhando e escutando. Durante muito tempo pensei que era um problema comigo, meu, que se eu não participava era porque talvez não tivesse nada de interessante ou de útil para dizer. Também pensei que talvez estivesse sendo paranóica, que estava reagindo de maneira estúpida, que o problema só existia na minha cabeça e que eu que tinha de superá-lo. Mas então me dei conta de que acontece a mesma coisa com outras mulheres do grupo, que é uma sensação bastante frequente. Não digo que você tenha culpa de tudo, mas você joga um papel importante nesse grupo, e você é parte dessa dinâmica". Essa conversa mudou minha vida, continuo tentando enfrentar o desafio que me marcou, e este artigo é parte desse processo.

Escrevi este artigo para outros homens brancos de classe média, com ideias políticas de esquerda, e que participam de algum modo de movimentos sociais. Quero tratar do machismo a partir da minha própria experiência de enfrentar o sexismo de um determinado ponto de vista emocional e psicológico. Escolhi esse enfoque porque quero colocar em questão a dimensão pessoal destes temas, porque acredito que é a forma mais efetiva de trabalhar com outros homens contra o sexismo, e também porque muitas companheiras com quem trabalho nos pedem que não ignoremos esses aspectos. Como escreve Rona Fernández, da *Youth Empowerment Center em Oakland*, “É preciso animar aqueles que têm privilégios devido aos papéis de gênero a que reflitam sobre o papel das emoções (ou de sua ausência) na forma em que vivem seus privilégios. Digo isso porque penso que os homens também sofrem sob o patriarcado, e uma das formas mais claras em que o machismo os desumaniza é sua incapacidade de expressar ou entender suas emoções”. Clare Bayard do grupo *Anti-racism for Global Justice* lança aos homens a seguinte pergunta: “Se demorou

anos a formar a sua consciência política, porque você acha que compreensão emocional é algo nato, que não requer nenhum esforço?”.

Este artigo se baseia no trabalho de mulheres, especialmente mulheres negras e latinas, que escrevem e trabalham contra o patriarcado na sociedade e contra o machismo nos movimentos sociais. O trabalho de Barbara Smith, Gloria Anzaldua, Ella Baker, Patricia Hill Collins, Elizabeth ‘Betita’ Martinez, bell hooks e muitas outras nos oferece um embasamento de ideias, visões e estratégias para o trabalho que os homens brancos, com privilégios de gênero, devemos fazer para vencer o machismo. Cada dia há mais e mais homens dentro dos movimentos alternativos que trabalham para desafiar a supremacia masculina.

Há centenas de nós que reconhecemos que o patriarcado existe, que graças a ele temos privilégios, que o machismo corrói os fundamentos de nossos movimentos e que as mulheres, xs transsexuais e as pessoas queer já nos disseram muitas vezes: “os homens têm que conversar uns com os outros, questionar-se mutuamente e decidir como lutar contra o machismo”. Ainda assim, há muito mais homens brancos nos movimentos sociais que se concordam que a sociedade é machista, talvez nos movimentos, mas não reconhecem sua participação pessoal nessa situação.

Lisa Sousa, membro do Centro de Mídias Independentes de São Francisco e da AK Press, me contou que nas discussões coletivas recentes sobre temas de gênero ouviu muitos homens fazer comentários do tipo: “todos sofremos a opressão, “deveríamos estar discutindo a luta de classes” ou “você está usando o machismo fora de contexto para atacar algumas pessoas”. Quando ela observou que muitas mulheres abandonam grupos onde homens são a maioria, responderam-lhe coisas como “os homens também deixam o grupo, as mulheres não abandonam mais que os homens. É natural que pessoas larguem grupos voluntários”, ou “só temos que buscar outras mulheres, afinal não são as únicas no mundo”.

Esses comentários me soam muito familiares e mesmo que seja tentador me distanciar dos homens que o fazem, é importante que eu lembre que até bem pouco tempo atrás eu mesmo fazia estes comentários. Acredito na construção de movimentos e na emancipação coletiva, por isso para mim é muito importante me conectar com as pessoas que estão comigo nessa luta. Como sou uma pessoa privilegiada, me organizando com outras pessoas privilegiadas, esta conexão significa aprender a me valorizar o suficiente como para me ver refletido em pessoas das quais preferia me distanciar, a quem seria mais fácil apontar o dedo. Também significa ser honesto com relação às minhas próprias experiências. Quando tive aquela conversa com Nilou, e ela me explicava como funcionava o machismo, me lembro que tinha que me esforçar para não me fechar e conseguir escutá-la.

A palavra “mas” sempre me vinha à mente, seguida de “foi um mal-entendido, não era isso o que eu queria dizer, não queria fazer você se sentir dessa maneira, teria gostado que você participasse mais, não entendi, ninguém disse que não queriam te escutar, todos acreditamos na igualdade, gosto de você e nunca faria nada para magoá-la, foram as circunstâncias do momento e não o machismo que fizeram com que eu te tratasse assim, não sei o que fazer”. Dez anos mais tarde, me dou conta de quão frequentemente me vem à cabeça esse tipo de desculpas e “mas”. Por dentro continuo sendo muito mais parecido a esses “outros” homens do que gostaria de admitir.

Nilou passou muitas horas falando comigo sobre o machismo. Foi incrivelmente difícil para mim. Minhas opiniões públicas tinham como base um arcabouço dualista que definia claramente o bem e o mal. Se era verdade que eu era machista, então a minha própria compreensão de mim mesmo estava em questão, e o meu arcabouço para entender a realidade teria que mudar. Mesmo que naquele momento tenha me sentido péssimo, quando olho pra trás me dou conta de que aqueles foram momentos de grande crescimento pessoal.

Duas semanas mais tarde, no grupo de estudos anarquistas, Nilou levantou a mão. “Nesse grupo estão ocorrendo condutas machistas”, e expôs os exemplos que eu já conhecia. Os cinco homens na reunião se colocaram na defensiva como eu havia feito antes. Outras mulheres começaram a falar. Pensavam o mesmo sobre como as coisas estavam acontecendo, e também estavam de saco cheio. Os outros homens alucinaram e se colocaram na defensiva, e demos uma lista completa de motivos pelos quais o que elas viam como machismo eram simples mal-entendidos, impressões incorretas. Com uma sinceridade genuína, dissemos “Mas se todos queremos o mesmo, a revolução”.

Depois da reunião, April, a mulher que estava há mais tempo no grupo (mais de um ano), se sentou para falar comigo. Me deu um exemplo atrás de outro de condutas machistas. Os homens não confiavam responsabilidades a ela, mesmo que ela estivesse no grupo há mais tempo que muitos deles. Nunca a haviam cogitado para falar publicamente sobre o grupo, nem pediam a opinião dela sobre temas políticos. Alguns homens começaram a participar de nossa conversa e continuaram negando que existisse machismo no grupo. Então April expôs claramente um exemplo concreto que havia me contado antes e os demais afirmaram que era um mal-entendido. Alguns minutos depois eu usei o mesmo exemplo e os homens o aceitaram, ainda que relutantemente, que ao menos nesse caso se tratava de sexismo. April chamou a atenção para o fato de eles não terem aceitado seus argumentos ou os de Nilou, mas terem aceitado os mesmos argumentos quanto partiam de mim. Ali estava, eu não queria acreditar que havia machismo em nosso grupo, mas nesse momento eu percebi claramente. Como podia estar acontecendo isso que tanto tentamos evitar? Fiquei com medo até de abrir a boca.

Dois meses depois, estava sentado em silêncio em um grupo de discussões de homens. Não sabíamos o que dizer. Estávamos assustados, nervosos, tensos e não dedicamos muita energia a criar um ambiente favorável à discussão sobre o sexismo. Nilou e April nos haviam proposto que passássemos um dia falando sobre o machismo, e que começássemos debatendo em grupos de homens e mulheres em separado. Todos nos perguntávamos “Do que estarão falando as mulheres?”. Quando o grupo se reuniu de novo, a discussão rapidamente tomou um rumo em que as mulheres defendiam a si mesmas e a forma em que entendem as suas próprias experiências. Me senti péssimo e custei a acreditar no que estava ouvindo. Me sentia totalmente perdido e sem a menor ideia de como continuar.

Várias pessoas de diferentes sexos saíram bem rápido da discussão chorando, desiludidas e oprimidas por sentimentos de angústia e incapacidade. Minha mãe, que havia observado parte da discussão, nos perguntou se poderia dizer algo. “Vocês estão falando de questões grandes e muito difíceis. Fico feliz de ver pessoas da idade de vocês falando seriamente sobre esses temas. Demonstra que vocês realmente acreditam nas coisas pelas quais vocês estão lutando. Esse debate não se conclui em somente um dia”. Percebi como o ambiente estava carregado na casa quando nos olhamos nos olhos umas de outrxs. Estava claro que

lutar contra o machismo ia exigir mais esforço que aprender a olhar as mulheres também durante as discussões de grupo. Que era lutar contra um sistema de poder que opera a nível econômico, social, cultural e psicológico, e que a superioridade que eu havia interiorizado tão bem, não era mais que a ponta de um iceberg construído sobre exploração e opressão.

## **Parte II: “A que classe histórica pertencço?”**

“Você sabe em que classe está?” Sendo um homem branco de classe média, ouvi muitas vezes esta pergunta nos sete anos que estudei Estudos da Mulher e Estudos Étnicos. Na classe de História das Mulheres Negras, alguém tentou me ajudar a averiguar aonde tinha que ir.

Eu entendia muito bem porque me faziam essa pergunta, e que não só se referiam às classes da Universidade, mas à minha classe social dentro de uma sociedade racista, patriarcal, heterossexista, e capitalista muito empenhada em manter um forte controle social. Eu sabia perfeitamente de que classe social eu vinha, que a minha relação com os Estudos da Mulher e Estudos Étnicos era complicada. Sabia que algumas pessoas não queriam que eu fosse a essas aulas, e a outras, inclusive, a minha presença fazia com que se sentissem incômodas. Mas por outro lado, muitxs professorxs e várixs estudantes me diziam que estavam muito felizes de que estivesse ali. Tudo isto me ajudou a entender a complexidade destas lutas e que não existem respostas fáceis.

Fui quatro anos à Universidade Comunitária e depois à Universidade do Estado de São Francisco durante mais três anos. A maioria dxs meus professorxs eram mulheres e pessoas negras ou latinas. Eu tinha crescido em uma comunidade segregada, onde as pessoas de distintas etnicidades não se misturava, e tinha tido poucos modelos de referência, professorxs ou figuras de autoridade que não fossem brancxs.

O que li e estudei na Universidade – o feminismo das mulheres negras, a luta pela liberação negra, história dxs chicanxs, colonialismo do ponto de vista dxs indígenxs americanxs, história dos movimentos operários, teoria queer, antiracismo desde a perspectiva das mulheres imigrantes e refugiadas – teve um profundo impacto em mim. No entanto, o fato de que as pessoas que me instruíram e guiaram foram pessoas de cor, e mulheres de cor em particular, teve uma importância incrível para o meu desenvolvimento em uns níveis psicológicos dos quais eu naquele momento não era consciente. Que fossem pessoas de cor e mulheres com ideias políticas radicais que guiassem o meu desenvolvimento educativo era uma subversão enorme das relações de poder, e foi uma das partes mais importantes dos meus estudos, embora não formasse parte de nenhuma disciplina.

Estudar em um ambiente em que as mulheres e pessoas de cor eram a maioria também teve um grande impacto em mim, pois era a primeira vez na minha vida que eu estava em minoria por motivos de raça e gênero. Subitamente, as questões raciais e de gênero já não eram um tema mais entre tantos outros, mas aspectos centrais na forma de entender e conceber o mundo. Antes eu tinha me perguntado muitas vezes, em silêncio, porque era preciso falar constantemente de gênero e raça; agora, no entanto, a pergunta tinha se invertido: como é possível que não pensemos nesses temas de forma cotidiana?

Com o tempo, desenvolvi uma estratégia para as aulas. Durante o primeiro mês, tentava ser

discreto, esforçando-me para escutar atentamente xs outrxs. Na primeira semana fazia algum comentário para me distanciar claramente do machismo e do racismo, e às vezes também do capitalismo, como sistemas de opressão que me favorecem; isto normalmente gerava reações de surpresa e alívio. Escutando xs companheirxs, abrindo-me às suas histórias e perspectivas, começava a merecer a sua confiança e a participar mais nos debates. Esta estratégia tinha como meta lutar contra as minhas condutas machistas, mas também apresentar-me a elxs de forma mais aberta.

Outra parte da estratégia consistia em provocar debates sobre estes temas nas minhas classes de Civilização Ocidental, Ciências Políticas e outras disciplinas nas que participavam alunxs que cursavam distintas carreiras e onde quase todxs xs alunxs eram homens brancos. Xs companheirxs de cor e as mulheres com quem estudava estavam bem segurxs de que esta era uma responsabilidade que sentiam que eu devia assumir. “Esperam esses comentários de nós, e os desprezam como produtos da raiva, das emoções, ou do vitimismo. Você tem que usar os seus privilégios para ser escutado pelos homens e as pessoas brancas”. O objetivo não era necessariamente mudar a opinião dx professorx, mas abrir espaços de diálogo crítico sobre gênero, racismo e classe social com xs outrxs estudantes. Isto também foi um aprendizado valioso para mim, pois muitas vezes dei a impressão aos outros estudantes de que eu era uma pessoa fria, enraivecida, dogmática, arrogante e às vezes insegura das minhas ideias, coisa que não era muito útil. Se o meu objetivo fosse berrar com os homens e pessoas brancas para aliviar os meus próprios sentimentos de culpa e vergonha por ser um homem branco, então talvez estivesse usando as táticas adequadas. Mas para que outras pessoas se identificassem com o antiracismo e o feminismo, eu tinha que ser mais complexo e honesto comigo mesmo.

Cresci pensando que eu era um indivíduo recorrendo o meu próprio caminho linear de progressão, sem um passado por trás. A história era para mim um conjunto de fatos e datas interessantes, mas sem nenhuma conexão clara com a minha vida. Eu era uma pessoa no meu próprio mundo. Então comecei a aprender que ser branco, homem, de classe média, sem deficiências físicas, quase sempre heterossexual e cidadão dos Estados Unidos não só significava que tenho certos privilégios, mas que além do mais me dá um passado. Eu formo parte de categorias sociais – branco, homem, heterossexual, e de classe média, grupos criados e moldados pela história -, que são considerados o padrão da “normalidade”, a partir do qual as outras pessoas são julgadas. À imagem que eu tinha da minha identidade individual, de ser “minha própria pessoa”, se uniram as imagens de barcos de escravxs, de comunidades indígenas arrasadas e queimadas, de famílias destruídas, de violência contra as mulheres, de homens brancos das classes dominantes usando a homens brancos pobres para colonizar as mulheres brancas, as pessoas de cor e a Terra.

Me lembro de estar sentado numa classe de História da Mulher Afroamericana, sendo uma das duas únicas pessoas brancas, e um dos dois únicos homens entre 15 mulheres negras, sendo o único homem branco. Estávamos estudando a escravidão, a Ida B. Wells e a sua campanha contra os estupros sistemáticos de africanas escravizadas pelos seus donos brancos, milhões de estupros que foram amparados e protegidos pela lei, enquanto centenas de homens negros eram linchados com a desculpa de proteger as mulheres brancas dos estupradores negros. Fiquei sentado cabisbaixo, sentindo a história nas lágrimas dos meus olhos e nas náuseas do meu estômago. Quem foram esses homens brancos, que sentiam sobre si mesmos? Me dava medo e vergonha olhar na cara das mulheres negras da aula.

“Mesmo que exista a mistura de raças por amor”, disse a professora, “nosso povo é de tantos tons diferentes de negro por causa de gerações e gerações de estupro institucionalizado”. Quem sou eu, e o que sinto sobre mim mesmo?

### **Parte III: “Esta é minha luta”**

“Não tenho a menor idéia de que papel os homens heterossexuais podem jogar na revolução, já que são a base e o corpo do sistema de poder reacionário.”

- Robin Morgan, na introdução de “Sisterhood is Powerful”

Às vezes experimento períodos de ódio contra mim mesmo, de sentimentos de culpa, de medo. Sei, no meu coração, que eu tenho um papel nas lutas pela liberação e sei, pela prática, que havia trabalho útil que eu podia fazer, mas a questão ainda me persegue: “estarei enganando a mim mesmo?”. Quer dizer, estou enganando a mim mesmo, pensando que sou mais útil que problemático? Está claro que a afirmação de Robin Morgan é um útil para que possamos lutar, não para que fiquemos presos nele.

Cresci acreditando que eu tinha direito a tudo. Eu podia ir aonde quisesse e fazer o que quisesse, e em qualquer lugar aonde eu fosse eu seria querido/necessário. O patriarcado e o heterossexismo também me ensinaram, de formas sutis e às vezes brutais, que eu tinha direito aos corpos das mulheres, que eu tinha direito a me apropriar dos espaços e colocar as minhas idéias e pensamentos em qualquer lugar que eu quisesse, sem consideração pelos outros. Este é um processo de socialização muito diferente do da maioria das pessoas nesta sociedade, que são ensinadas a se calar, a manter as coisas para si mesmas, a esconder quem realmente são, a sair do caminho e nunca esquecer que têm sorte por serem permitidas de sequer estar aqui. Eu acho que é saudável não assumir que você é sempre necessário, aprender a dividir o espaço e o poder e a trabalhar com outros, para perceber o papel que de fato você pode e deve jogar. O que não é saudável é que seja raro ver homens com privilégios de gênero conversando uns com os outros sobre estes assuntos, e apoiando-se mutuamente neste processo.

Laura Close, uma organizadora de *Students for Unity in Portland*, discute isso no seu ensaio, “Homens no Movimento”. Ela escreve: “a cada dia, homens jovens acordam e decidem que querem se envolver no ativismo. Normalmente encontram discussões, linguagens sobre os seus privilégios de gênero que alienam e silenciam eles, sem que ninguém realmente os apóie na descolonização das suas mentes. Imaginem como seria se outros companheiros com mais experiência política fossem com eles tomar um café e conversar sobre as suas próprias experiências como homens dentro do movimento. Falem sobre o que vocês aprenderam! Imaginem o que seria se os homens comemorassem os progressos de outros homens que vão se tornando companheiros.” Ela coloca um desafio para os homens, para que acompanhem a outros homens que querem começar a desconstruir o seu próprio machismo.

Eu sabia que ela tinha razão, mas a idéia de realmente fazer isso me deixava nervoso. Com certeza, eu tinha vários amigos com privilégios de gênero, mas assumir um compromisso político de desenvolver um relacionamento com outros homens e me abrir com eles acerca das minhas próprias lutas para desconstruir o machismo me pareceu aterrorizante. Aterrorizante porque eu era capaz de denunciar publicamente o patriarcado e tentar

convencer outros homens de vez em quando, mas ser honesto com respeito ao meu próprio machismo, conectar a análise e a prática política ao meu próprio processo emocional e psicológico, ser vulnerável?

Pausa. Vulnerável a quê? Lembram quando eu falei que nas aulas de Estudos da Mulher eu me identificava como contrário ao patriarcado, à supremacia branca, e às vezes ao capitalismo? O nível de consciência sobre o feminismo, sem nem falar no compromisso com o feminismo, entre homens com privilégios de gênero na universidade era tão baixo que ler um único livro feminista e dizer “Eu reconheço que o machismo existe” significava que eu estava muito à frente dos outros. Enquanto o nível de consciência e comprometimento nos círculos ativistas é normalmente um pouco maior, também não é assim tão maior. Eu tive duas grandes lutas ao longo da minha vida política – a vontade genuína de me comprometer totalmente com as minhas idéias, e um medo profundo de não ter chegado nem perto de cumprir com esse propósito. Para mim, é muito mais fácil fazer declarações contra o patriarcado nas aulas, reuniões políticas e textos do que é praticar a política feminista nas minhas relações pessoais com amigxs, família e parceirxs. Isto é particularmente difícil quando os homens ativistas, como eu mesmo, dedicam tão pouco tempo a falar uns com os outros sobre isso.

O que é que eu tenho medo de admitir? Que eu luto cada dia para realmente ouvir as vozes que eu identifico como femininas. Eu sei que a minha mente se perde mais rápido. Eu sei que a minha reação instantânea é a de levar as opiniões dos homens mais a sério. Eu sei que quando entro em uma sala cheia de companheirxs, eu instantaneamente escaneio a sala e divido as pessoas em hierarquias de status (há quanto tempo elas estão ativas, de que grupos elas participaram, o que elas escreveram, onde foi publicado, quem são xs amigxs delas). Eu me posiciono a mim mesmo contra elas e me sinto mais competitivo em relação aos homens. Com as pessoas que eu identifico como mulheres, funciona a mesma hierarquia de status, mas o desejo sexual entra na minha configuração mental heterossexual.

Quais são a atração e o desejo sexual saudáveis e como isso se relaciona com e sobrevive ao meu treino para sexualizar sistematicamente as mulheres ao meu redor? Isto se amplifica pela realidade do dia-a-dia em que esta sociedade apresenta as mulheres como corpos sem voz para servir o desejo sexual heteromascuino, nós sabemos disso. Mas o que isto significa na hora de me comunicar com as minhas companheiras de luta ou sentimentais? Como isso se traduz na forma como eu faço amor, preciso de amor, expesso o amor, conceitualizo o amor? Não estou falando de se dou ou não sexo oral à minha parceira, ou se digo que a amo, estou falando de se eu realmente valorizo mais a igualdade nas nossas relações, mais do que gozar regularmente.

O fato de que as minhas parceiras me deram muito mais apoio emocional e financeiro do que eu dei a elas. Estou falando de que eu quase nunca perco a concentração e deixo de prestar atenção no que um homem com privilégios de gênero está dizendo porque tenho pensamentos sexuais acerca dele. E eu constantemente me encontro perdendo a concentração pensando sobre sexo enquanto escuto as minhas companheiras, que são grandes organizadoras, líderes, visionárias, minhas amigas, minhas companheiras. Eu sou totalmente a favor da paixão, do desejo sexual saudável, e da política a favor do sexo, este não é o problema. O que é problemático é o poder, o “direito” que os homens achamos que temos de tratar as mulheres como objetos do desejo sexual, e a marginalização da

participação das mulheres pelo filtro do desejo masculino heterossexual. Eu gostaria de não ficar na defensiva tantas vezes, mas eu fico. Fico frustrado e me fecho nas conversas sobre como o poder opera entre a minha parceira e eu. Eu fico na defensiva sobre como o mundo interage conosco e influencia a nossa dinâmica. Eu sei que às vezes eu digo, “ok, vou pensar melhor sobre isso”, quando realmente estou pensando “me deixa em paz”.

Esta não é uma confissão para que eu seja perdoado. Esta é uma luta constante para ser honesto acerca de quão profundamente eu sou marcado pelo patriarcado e estes sistemas de opressão. O patriarcado me atormenta. Eu tenho tantos medos sobre se sou capaz ou não de estar em relações amorosas saudáveis. Medos sobre se eu sou capaz de ser genuinamente honesto e conectado comigo mesmo para poder me abrir e compartilhar com outxs. Medos relacionados com a capacidade de genuinamente construir e compartilhar poder com xs outxs. As cicatrizes do patriarcado estão em cada uma das pessoas com as quais eu interajo, e quando eu me obrigo a ver isso, a realmente olhar e dedicar tempo a pensar sobre isso, eu me encho de tristeza e raiva. bell hooks, no seu livro “All About Love”, escreve que o amor é impossível onde o desejo de dominação existe. Sou genuinamente capaz de amar? Eu quero acreditar que sim. Eu quero acreditar em uma prática política anti-patriarcal para homens com privilégios de gênero. Eu acredito que quando lutamos contra a opressão, quando praticamos os nossos compromissos, nós atualizamos e expressamos a nossa humanidade. Há momentos, experiências e eventos nos quais eu vejo o patriarcado sendo desafiado por pessoas de todos os gêneros, e isso mostra o que somos capazes de fazer. Eu acredito que este é o trabalho das nossas vidas e que no centro deste trabalho está uma batalha pelas nossas vidas. E é nessa luta que percebemos que mesmo frente a estes sistemas de opressão tão poderosos, nosso amor, beleza, criatividade, paixão, dignidade e poder crescem. Nós somos capazes.

### **Post-script. “Trabalhar para que esta luta seja real”**

Apesar de que é necessário trabalhar em temas emocionais e psicológicos difíceis, também há uma infinidade de pequenos passos concretos que podemos tomar para desafiar a supremacia masculina.

Uma ativista trabalhando na Liberação Palestina me escreveu dizendo: “algumas coisas que as pessoas com privilégios de gênero podem fazer: se oferecer para tomar ata de uma reunião, fazer telefonemas, encontrar espaços de reunião, cuidar das crianças, tirar cópias e outros trabalhos pouco glamurosos. Encorajar as mulheres e pessoas discriminadas pelo seu gênero que participem no grupo a assumir os papéis que os homens costumam dominar, (ex. definir estratégias, representar o grupo, moderar as reuniões). Convidar especificamente as mulheres a assumirem esses papéis e explicar porque você acredita que elas fariam bem essa função. Prestar atenção a quem você escuta mais e controlar as suas ânsias de protagonismo”.

Ela é uma das centenas de milhares de mulheres e pessoas discriminadas pelo gênero que descreveu passos claros e concretos que as pessoas com privilégios de gênero podem fazer para desafiar o machismo e trabalhar pela liberação. Existe muito trabalho a ser feito. O maior desafio para mim é saber o que é realmente necessário para fazer esse trabalho, priorizá-lo e seguir adiante com isso. Além de que os homens falem entre si, como comentei antes, também precisamos cuidar uns aos outros para que cada um cumpra a sua parte. Há



muito trabalho emocional difícil a ser feito, e é importantíssimo que sejamos capazes de ajudar uns aos outros para não perder-nos, e seguir dando passos à frente.

Podemos nos perguntar, por exemplo, como o nosso trabalho apóia a igualdade, que passos estamos tomando para compartilhar o poder na nossa organização, se estamos abertos a ouvir o que as pessoas oprimidas pelo patriarcado têm a dizer sobre o que fazemos. Cada uma dessas questões gera novos passos para superar o patriarcado. Examinar e desafiar o privilégio é um aspecto necessário do nosso trabalho, mas não é suficiente. Homens trabalhando em conjunto para superar a supremacia masculina é apenas uma das muitas, muitas estratégias necessárias para desenvolver movimentos para a liberação coletiva que sejam voltados para as mulheres, multiraciais, anti-racistas, feministas, queer e trans, baseados na classe trabalhadora, anti-capitalistas. Sabemos que o machismo funciona como obstáculo para a construção desse movimento. Resta saber o que vamos fazer para evitar isso, para construir este movimento, permitir que este processo cresça no nosso interior e para expandir a nossa capacidade de amar a nós mesmos e aos outros.

Muito amor e agradecimentos à equipe editorial: Clare Bayard, Rachel Luft, J.C. Callender, Nilou Mostoufi, April Sullivan, Michelle O'Brien, Elizabeth 'Betita' Martinez, Sharon Martinas, Roxanne Dunbar-Ortiz, Rahula Janowski and Chris Dixon

Outras leituras -Patricia Hill Collins, Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment -bell hooks, Feminist Theory from Margin to Center -Paul Kivel, Men's Work: How to Stop the Violence that Tears Our Lives Apart -Maria Mies, Patriarchy and Accumulation on a World Scale: women in the international division of labour -Barbara Smith, The Truth that Never Hurts: writings on race, gender and freedom